

AS QUATRO NOBRES VERDADES

B. Nanamoli, B. Boddhi, The Middle Length Discourses of the Buddha, Majjhima Nikaya, Wisdom Publication, pág. 24, tradução Flávio Bezerra, Casa de Dharma, SP

O ensinamento do Buda é chamado de Dharma (pali Dhamma, sânscrito Dharma), uma palavra que pode significar tanto a verdade transmitida pelos ensinamentos como o meio verbal-conceitual pelo qual a verdade é expressa para que possa ser comunicada e se tornar compreensível. O Dharma não é um corpo de dogmas imutáveis ou um sistema de pensamento especulativo. É essencialmente uma maneira, um barco para se atravessar da “margem” da ignorância, ganância e sofrimento para a “margem distante” da paz transcendental e liberdade (Majjhima Nikaya MN 22.13). Devido a sua meta no estabelecimento de seu ensinamento ser pragmático – libertação do sofrimento – Buda pôde deixar de lado toda especulação metafísica como sendo um esforço fútil. Aqueles comprometidos com isto Buda os compara a um homem ferido com uma flecha envenenada que recusa a ajuda de um cirurgião até que saiba os detalhes sobre o assaltante e suas armas (MN 63.5). Sendo golpeado pela flecha do desejo, pela aflição do envelhecimento e morte, a humanidade está necessitando urgentemente de ajuda. O medicamento que Buda traz como cirurgião para o mundo é o Dharma que mostra tanto a verdade de nossa delicadeza existência como a maneira com que podemos nos curar das feridas.

O Dharma que o Buda descobriu e ensinou consiste em sua essência das Quatro Nobres Verdades:

- ❖ A nobre verdade do sofrimento (*dukkha*)
- ❖ A nobre verdade da origem do sofrimento (*dukkhasamudaya*)
- ❖ A nobre verdade da cessação do sofrimento (*dukkhanirhdha*)
- ❖ A nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento (*dukkhanirodhagamini patipada*)

Foram essas quatro verdades que o Buda anunciou para o mundo quando despertou na noite de sua iluminação (MN4.31, MN 36.42). Ele pôs em movimento a inigualável Roda do Dharma em Benares (MN 141.2), e a manteve em movimento por quarenta e cinco anos de seu ministério como “o ensinamento especial dos Budas” (MN 56.18). No Majjhima Nikaya as Quatro Nobres Verdades estão expostas de maneira concisa em MN 9.14 – 18 e em detalhes em MN 141, enquanto no MN 28 o

Venerável Sariputta desenvolve uma exposição original dessas verdades, encontrado apenas neste sutra. Muito embora elas estejam explícitas apenas ocasionalmente, as Quatro Nobres Verdades estruturam o ensinamento completo do Buda, contendo muitos outros princípios exatamente como as pegadas do elefante contêm as pegadas de todos os outros animais. MN 28.2).

A noção central em torno da qual as verdades giram é o termo *dukkha*, aqui traduzido como sofrimento. Originalmente a palavra pali significa apenas dor e sofrimento, um significado que é retido nos textos quando é usada como uma qualidade da sensação: neste caso tem sido traduzido por “dor” ou “doloroso”. Entretanto, como a primeira nobre verdade, *dukkha* tem um significado muito mais amplo, reflexo de uma visão filosófica globalizante. Apesar de extrair seu colorido afetivo desta conexão com dor e sofrimento, certamente os incluindo, ele aponta para além desses significados restritivos, para uma insatisfatoriedade inerente a todas as coisas condicionadas. Esta insatisfatoriedade das coisas condicionadas deve-se a impermanência delas, a vulnerabilidade à dor e a inabilidade delas de fornecer satisfação completa e duradoura.

A noção de impermanência (*aniccata*) é o fundamento do ensinamento do Buda, tendo sido o insight inicial que impeliu o Bodhisatta a deixar seu palácio para buscar o caminho da iluminação. A impermanência na visão budista compreende a totalidade da existência condicionada e sua escala varia desde o cósmico até o microscópico. Em uma das pontas do espectro a visão do Buda revela um universo de imensas dimensões, se desenvolvendo e se desintegrando em ciclos repetitivos de um tempo sem princípio – “muitos aeons de contrações do mundo, muitos aeons de expansões do mundo, muitos aeons de contração e expansão do mundo” (MN 4.27). Junto com a marca da impermanência aparece a manifestação de nossa inescapável mortalidade, nossa condição de estar ligado ao envelhecimento, à doença e a morte (MN 26.5), de possuir um corpo que é sujeito a “ser usado e virar pó, à dissolução e a desintegração” (MN 74.9). Do outro lado do espectro o ensinamento do Buda revela a impermanência radical desvelada apenas pela atenção sustentada para sentir sua urgência viva: o fato de todos os constituintes de nosso ser, corpo e mente, estar em constante processo, aparecendo e desaparecendo, de momento em momento, em uma sucessão rápida, sem qualquer substância fundamental persistente. No ato real de observação elas estão submetidas a “destruição, ao desaparecimento, ao decaimento e à cessação” (MN 74.11).

Esta característica da impermanência que marca tudo aquilo que é condicionado conduz diretamente ao reconhecimento da universalidade de dukkha ou sofrimento. Buda ressalta esta característica impregnante de dukkha quando em sua explanação da primeira nobre verdade diz: “Em resumo, os cinco agregados afetados pelo apego são sofrimento.” Os cinco agregados afetados pelo apego (*pañc’upadanakkhandā*) é um esquema classificatório que o Buda tinha desenvolvido para demonstrar a natureza composta da personalidade. O esquema compreende todos os tipos possíveis de estados condicionados e que são distribuídos em cinco categorias. – forma material, sensação, percepção, formações mentais e consciência. O agregado da forma material (*rūpa*) inclui o corpo físico com suas faculdades sensoriais como também os objetos materiais externos. O agregado da sensação (*vedanā*) é o elemento afetivo da experiência, tanto as agradáveis, como as desagradáveis e neutras. Percepção (*sanna*), o terceiro agregado, é o fator responsável pelo registro das qualidades das coisas e também pela descrição para o reconhecimento e memória. O agregado das formações (*sankhārā*) é um termo tipo guarda-chuva que inclui todos os aspectos ligados à vontade, à emoção, e aos aspectos intelectivos da vida mental. A consciência (*viññāna*), o quinto agregado, é a percepção básica de um objeto indispensável para toda cognição. Como o Venerável Sariputta demonstrou com maestria em sua análise sobre a primeira nobre verdade, representantes de todos os cinco agregados estão presentes em toda ocasião de experiência, aparecendo em conexão com cada uma das seis faculdades sensoriais e seus objetos (MN 28.28).

A citação de Buda de que os cinco agregados são dukkha revela, portanto, que as coisas com que nos identificamos e nos agarramos como base para nossa felicidade, vistas de maneira correta, são as bases para o sofrimento que tememos. Até mesmo quando nos sentimos confortáveis e seguros, a instabilidade dos agregados é em si mesmo uma fonte de opressão, e nos mantém perpetuamente expostos ao sofrimento em sua forma mais primitiva. A situação global se torna ainda mais potencializada, até dimensões além de qualquer cálculo quando levamos em conta a revelação do Buda sobre o renascimento. Todos os seres que permanecem na ignorância e desejo vagam pelo ciclo da existência repetida, *samsāra*, na qual cada giro acarreta o sofrimento de um novo nascimento, velhice, doença e morte. Todos os estados de existência dentro do *samsāra*, sendo necessariamente transitórios e sujeitos à mudança, são incapazes de assegurar segurança permanente. A vida em qualquer desses mundos é instável, variável, sem abrigo e proteção, e nada próprio. (MN 82.36).